

SCRUTON, Roger. *Beleza*. Trad. Hugo Langone. São Paulo: É Realizações Editora, 2013.

Com o advento da teoria estética do final do século XIX e início do XX e com a irrupção das vanguardas artísticas no mesmo período, uma discussão até então presente nos debates sobre a Arte foi posta de lado, ou seja, a Beleza passou a ser vista como algo dispensável à arte e, em alguma medida, caiu-se naquela visão do senso comum que diz: “gosto não se discute”.

Nesse sentido, a beleza deixou de ser critério para que um objeto ou obra seja considerado “artístico”. No entanto, nos últimos 100 anos, encontramos filósofos que, inconformadamente, tentam trazer a discussão do belo e do próprio sentido da arte à tona novamente. Um marco nessa tentativa está no livro *A desumanização da arte*, de Ortega y Gasset. Neste livro, o filósofo espanhol aponta os aspectos da arte moderna em que o humano é esquecido.

No entanto, o Brasil não ficou de fora dessa discussão e, mais recentemente, dois poetas também entraram na mesma seara crítica das mudanças acontecidas na arte. É bom destacar que são dois poetas contemporâneos que durante grande parte de suas vidas estiveram ligados, em maior ou menor grau, ao movimento vanguardista brasileiro – são eles: Affonso Romano de Sant’Anna e Ferreira Gullar.

Nos livros *Desconstruir Duchamp* e *O enigma vazio – Impasses da arte e da crítica*, Affonso Romano de Sant’Anna aborda a arte e a crítica, especialmente, no âmbito da arte moderna e contemporânea, apontando a problemática em que a arte, ao dar primazia ao conceito, acabou transformando o pensamento em protagonista, e, nesse sentido, a obra (de arte) acaba por dar lugar ao conceito querido ou imaginado pelo artista, realizando um descolamento da apreciação do objeto artístico para as possíveis propostas intencionadas pelos artistas. Ao fim e ao cabo, a arte contemporânea corre o risco de ficar circunscrita às obras insignificantes cercada de retórica e delírios justificadores, ou seja, pode acabar mais presa aos “discursos” sobre as obras do que às obras.

Em sentido semelhante, Ferreira Gullar trata o tema da arte nos livros *Relâmpagos* e *Argumento contra a morte da arte*. Neste último, ele aponta o problema da crítica de arte, uma vez que, com o advento do Impressionismo e a recusa inicial dos críticos daquele tempo em aceitar esse movimento e, conseqüentemente, com a desmoralização por conta do sucesso posterior das obras impressionistas, a crítica acabou por sentir-se culpada por aquele erro e, aparentando perder o senso-crítico, abandonou os critérios que norteariam uma avaliação mínima de um trabalho artístico, passando a “elogiar” tudo. Poderíamos afirmar que, atualmente (e de forma paradoxal), a crítica tem mais medo da vaia do que os artistas.

Além disso, continua Gullar, com o desenvolvimento do mercado de arte, na maior parte do tempo, este pressiona tanto artistas quanto crítica em busca de novidades, tornando a obra de arte como um “produto qualquer” e que teria como principal demanda o lucro.

Se Afonso Romano de Sant’Ana ataca, especialmente, o desvirtuamento da arte em arte conceitual, em que há o abandono do objeto e passa-se às “explicações”, Ferreira Gullar enfrenta a “loucura” ou covardia da crítica de arte. Para ambos, é necessário rediscutir a questão da arte. No entanto, talvez o último século tenha nos levado a perder a noção mínima de beleza que não é mais encontrada, naturalmente, na arte.

Por isso, o lançamento do livro *Beleza*, de Roger Scruton, no Brasil em 2013, pela editora É Realizações, somente quatro anos após a sua publicação na Inglaterra, constitui um motivo de grande satisfação para os interessados nas discussões estéticas, especialmente, por conta de Scruton buscar justificar a sua crença na importância da Beleza e na existência de critérios que podem sustentar a afirmação de uma “universal” predisposição humana para desejar e perceber a beleza.

Nesse sentido, Scruton começa por apresentar e discutir alguns “chavões” sobre a beleza na atualidade. No primeiro momento, são apresentados inicialmente seis deles – e um sétimo é acrescentado posteriormente:

1. A beleza nos agrada.
2. Uma coisa pode ser mais bela do que outra.
3. A beleza é sempre um motivo para nos ocuparmos daquilo que a possui.
4. A beleza é objeto de um juízo: o juízo de gosto
5. O juízo de gosto diz respeito ao objeto belo, e não ao estado de espírito do sujeito. Ao declarar que determinado objeto é belo, descrevo tal objeto, jamais a mim mesmo.
6. Não obstante, não existem juízos de beleza de segunda mão. Você não pode me convencer a emitir um juízo que eu já não tenha feito antes, assim como não posso me tornar especialista em beleza apenas estudando o que outros disseram sobre os objetos belos, sem tê-los experimentado e julgado por conta própria. (SCRUTON, 2013, p. 15-16)

E o sétimo “chavão” é apresentado numa discussão relacionada com o corpo humano e problematizado dentro do pensamento de Platão e diz, na primeira versão “7. Quando em uma pessoa, a beleza estimula o desejo” (SCRUTON, 2013, p. 48), ou na segunda formação, “7. É traço não acidental da beleza humana o fato de ela estimular o desejo” (p. 64).

Inicialmente, Scruton recorre à discussão apresentada por Kant sobre o Belo. O autor da *Crítica da faculdade de julgar* acredita que a beleza provoca nos homens um “interesse desinteressado”.

Após isso, Scruton vê-se obrigado a tratar a Beleza também na sua relação com Eros, como apresentado por Platão. Beleza e desejo estão ligados na história da filosofia. Em alguma medida, o interesse despertado pela beleza de um corpo humano pode ser compreendido na perspectiva de um “interesse interessado”, quer dizer, Scruton, seguindo os passos de Platão, demonstra que há por trás do interesse “meramente” carnal a existência de um interesse mais elevado, nas formas (platonicamente compreendidas), e, no caso humano, uma pessoa, por sua “relação” com o Bem, pelas suas virtudes, pode gerar o encanto, não físico, mas “espiritual”. Sendo assim, a liberdade e a escolha racional são aspectos que estão intimamente ligados na compreensão da Beleza, isto é, há em Platão uma espécie de negação do desejo para que se possa ir além. A Beleza pressupõe o desejo, no entanto, não se limita a ele.

O filósofo inglês aborda a relação entre a Beleza e a natureza. Em algum momento da história, finais do século XVIII, a natureza passou a ser um elemento do encontro da beleza, seja por conta de animais e plantas que apresentassem uma forma bela ou por conta das paisagens que levaram o homem das cidades industrializadas a sentir uma nostalgia do campo e a ver com outros olhos aquela beleza encontrada na natureza e que acabou se tornando tema de inúmeros quadros neste período. É bom lembrar que a natureza está presente em vários momentos da história humana como um lugar de encontro com a beleza, quer seja na China e Japão, quer seja no pensamento cristão, entre outros momentos mais longínquos.

Outro ponto bastante interessante em que quase não nos detemos é a presença da beleza no cotidiano. Scruton chama a atenção para o permanente desejo de dispor com beleza desde a arrumação da casa, passando pela arrumação de uma mesa quando de um jantar para os amigos, do jardim mais simples ao mais sofisticado, e até mesmo do destaque dado para as vestimentas, especialmente, nestes tempos de redes sociais e “trilhões” de fotografias tiradas e postadas por celebridades e por desconhecidos. No cotidiano, a beleza é buscada por todas as culturas e aqui algo fica evidente dentro da exposição de Scruton, ao dizer sobre a beleza, que ele não estabelece um critério firme para a definição do que é a beleza. Isso, realmente, passa por um conjunto amplo de possibilidades, ao mesmo tempo, há sempre esse desejo de beleza nas culturas e a beleza está sempre relacionadas com critérios formais e que tem relação com uma certa sensação de bem-estar e aconchego.

Inegavelmente, a arte consiste numa das mais apropriadas atividades para a busca da beleza e, de certa forma, o livro *Beleza* é perpassado pela discussão da beleza na arte, especialmente por conta da grande erudição do autor, que recorrentemente cita obras de

música, arquitetura, artes plásticas e literatura como exemplos ilustrativos. No entanto, é preciso deixar claro que Scruton consegue unir erudição à clareza e em nenhum momento o livro se torna maçante ou abstrato por conta disso.

Para Scruton, a arte revela o enigma da existência humana e afirma:

Na forma mais elevada de beleza, a vida se torna sua própria justificativa, sendo redimida da contingência pela lógica que vincula o fim das coisas a seu começo (...) nessas realizações artísticas supremas, a forma mais elevada de beleza é um dos maiores presentes que a vida pode nos dar. Ela é o verdadeiro fundamento do valor artístico, visto ser isso o que a arte, e apenas a arte, pode nos oferecer (SCRUTON, 2013, p. 139).

No entanto, também na esteira do que Ortega y Gasset, Afonso Romano de Sant'Anna e Ferreira Gullar argumentam, para Scruton, houve e há, na contemporaneidade, uma fuga da beleza, principalmente na arte. A experiência de Duchamp<sup>1</sup>, ao enviar o urinol branco assinado, denominado de *A Fonte*, para uma mostra, em 1917, o que poderia causar uma reflexão ou um riso por ser considerada uma piada (essa era uma brincadeira comum de Duchamp com seus amigos), tornou-se um padrão e, com isso, poderíamos pensar que a arte contemporânea, no geral, trocou a beleza por uma série de outras coisas, especialmente, o chocar, causar polêmica, como seu “fim” primeiro.

E é preciso que fique claro: não há da parte de Scruton uma defesa a uma volta ao passado como salvaguarda da beleza; para ele, muitas coisas na arte contemporânea que têm a rudeza ou a decadência ou mesmo que sejam dolorosas podem conter – e contêm – beleza, o problema está na fuga da beleza:

A arte mais recente, por sua vez, cultiva uma postura transgressora, igualando a feiura daquilo que retrata com uma feiura própria. A beleza é rebaixada a algo demasiadamente doce e escapista, distanciando-se demais das realidades para merecer uma atenção desenganada. Traços que antes sublinhavam fracassos estéticos são hoje citados como marcas de sucesso, ao mesmo tempo em que a busca pela beleza é muitas vezes vista como fuga da verdadeira tarefa da criação artística: desafiar as ilusões reconfortantes e revelar a vida como ela é. Arthur Danto chegou até mesmo a defender que a beleza é um objetivo enganoso que contraria a missão da arte moderna. (SCRUTON, 2013, p. 178)

O problema não é a arte revelar a vida, mas é a feiura ou somente as ideias e ideologias serem matéria da arte. Para Scruton, numa retomada da filosofia clássica, a beleza deve estar associada à verdade e isso pode muito bem ser encontrado na música de um

---

<sup>1</sup> Curiosamente, um senhor de 77 anos de idade atacou a obra *A Fonte* com um martelo, em 6 de Janeiro de 2006, no Centro Pompidou em Paris, alegando ser esse ato uma performance artística que seria aprovada, especialmente, por Duchamp.

compositor ligado ao dodecafonismo, como Alban Berg, ou no cinema de Ingmar Bergman, nos romances de Zola ou na poesia de T. S. Eliot etc etc.

Scruton abordará outros pontos importantes, no entanto, a síntese de sua reflexão encontra-se na seguinte assertiva: “... tudo que afirmei acerca da experiência da beleza insinua que ela possui fundamentos racionais. Desafia-nos encontrar significados em seu objeto, traçar comparações críticas e examinar nossas próprias vidas e emoções à luz do que descobrimos” (SCRUTON, 2013, p. 207) – e isso em todas as dimensões analisadas, ou seja, tanto na arte, como na natureza, no cotidiano e na forma humana.

## REFERÊNCIAS

GULLAR, Ferreira. *Argumentação contra a morte da arte*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1993.

ORTEGA Y GASSET, José. *A desumanização da arte*. 3. ed. Cortez. São Paulo, 2001.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Desconstruir Duchamps*. São Paulo: Vieira & Lent, 2003.

\_\_\_\_\_. *O enigma vazio: impasses da arte e da crítica*. São Paulo: Rocco, 2008.

### **As reflexões sobre a beleza de Roger Scruton**

Elton Moreira Quadros

Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Bolsista FAPESB.

eltonquadros@yahoo.com.br